

DOCUMENTO DE DENÚNCIA

Eu, Ariadne Záu de B. Freitas, 35 anos, acadêmica de medicina, venho por meio deste, denunciar o caso ocorrido no dia 09/05/2024, às 17:19h na **UNIVERSIDADE NILTON LINS**, dentro da sala de aula 430, contra o professor médico, **Alessandro Silva Pontes, CRM 11089-AM**. Estavam na sala de aula o professor supracitado, em média 60 alunos, e a aluna **Gabriela Granetto Gomes**, 22 anos, acadêmica de medicina.

Às 17:19h a aluna Gabriela Granetto Gomes, iniciou quadro de desmaio com espasmos musculares, acompanhado de rigidez de MMSS. Ela foi acomodada pelas alunas Nila Dias e Alice Serruya, em uma cadeira, na frente da sala, onde permaneceu com a evolução do quadro, e teve sua cabeça segurada pela aluna Stephanie Ribeiro. Logo em seguida as alunas Laura Cid e Stephanie chamaram o professor e ele não deu importância e somente questionou se ela tinha epilepsia e mandou continuar a apresentação do trabalho.

A aluna Nila Dias que é enfermeira, permaneceu junto a Gabriela, mesmo o professor médico, falando diversas vezes para que ela saísse de lá e afirmando *“o médico sou eu, deixa ela aí”*.

O médico foi informado pela aluna Alice Serruya que a Gabriela estava em investigação sobre a etiologia das crises, tendo ficado internada duas vezes na semana passada, mas não havia ainda um diagnóstico. O mesmo, orientou que deixasse ela no mesmo local e continuou a aula com a apresentação de um grupo de trabalho que estava em andamento. A aluna permaneceu com o mesmo quadro, inconsciente, tendo repetidas crises com espasmos musculares e rigidez de MMSS.

Às 17:25h os familiares foram chamados.

Às 17:36h a aluna Alice Serruya questionou com ele se não era ruim ela ficar tendo essas crises seguidas sem parar e pediu para o médico, para ir pegar uma cadeira de rodas e tirá-la dali, pedido que foi negado por ele, com a resposta de *“não tem problema e o médico sou eu”*.

Às 17:37h eu, Ariadne Záu, cheguei com a cadeira de rodas, deixei fora da sala, entrei e falei que iria tirar a Gabriela de lá e levá-la ao ambulatório da faculdade, solicitação esta que foi negada novamente pelo médico, com a justificativa *“o médico sou eu e ela só sai daqui comigo ou com o familiar”*. Ele foi informado novamente por mim, que da última vez que ela apresentou crises, não foram controladas, até a mesma dar entrada em um PS, que ela havia ficado internada na semana passada e que não tinha diagnóstico fechado para as crises.

Às 17:39h ele decidiu mandar uma aluna Alice Serruya chamar a enfermagem na coordenação da universidade. Ressaltando que, ele continuou mantendo o andamento da aula normalmente, onde neste momento todos os alunos já estavam incomodados com a situação.

Às 17:42h o SAMU foi acionado por mim, mas informou que as ambulâncias demorariam mais de 1h para chegar e que levássemos a paciente com o próprio veículo ao HPS João Lúcio. O médico não deixou que nenhuma colega a levasse. Só os familiares. Ela permaneceu na cadeira mantendo as crises.

Somente então às 17:48h o médico suspendeu a aula, os alunos acomodaram na cadeira de rodas e ele saiu da sala falando *“ninguém que tá aqui é médico não caralho, o único médico aqui sou eu”* (comprovado por vídeo), e acompanhou a aluna juntamente comigo, Alice, Ariana Dantas e Matheus Motta, que foi segurando a cabeça da Gabriela até próximo do elevador, e seguimos até o ambulatório da faculdade.

Gabriela foi colocada em leito, e verificado a saturação com oxímetro de pulso portátil. Com oximetria e pulsos normais.

Às 18:16h os familiares da aluna chegaram para levá-la, e ela ainda permanecia em crise.

Por fim, e ainda não sendo o bastante, o professor expôs o caso da Gabriela, na sala de aula com a TURMA SEGUINTE, afirmando ainda que *“vocês perderam uma colega, não porque ela morreu, mas porque ela não conseguirá concluir o curso assim”*, sem ter conhecimento prévio nenhum do quadro da paciente, sem conhecê-la como pessoa, realizando diagnóstico por observação, sem anamnese, sem exame físico, sem coleta de dados de

história pregressa, julgando um quadro sem nenhum tipo de conhecimento especializado, no qual os outros colegas também se sentiram incomodados com as falas e exposição (Relato comprovado por gravação de áudio).

Não foi prestada nenhuma assistência médica por parte dele, ele permanecia de costas para ela durante a aula, olhando para a apresentação, e vez por outra para ela. Ele não deixou que outras pessoas a tirassem de lá. Ela ficou por exatamente 30 minutos com crises dentro de sala de aula, sentada em uma cadeira, com a cabeça sendo segurada pela colega sentada atrás, com a aula continuando inclusive com apresentação de trabalho, e quase 60 alunos que não podiam fazer nada, intimidados com as frases repetidas do professor “o médico sou eu”, “isso não é convulsão, é comportamental”. Ela ficou em um tempo total de 47 minutos em crise, até a chegada da família.

Faltou sensibilidade por parte do médico Alessandro Pontes, faltou ética, faltou proporcionar conforto a paciente, retirar ela daquele lugar. Não preservou a paciente, a deixou exposta, e acima de tudo faltou ASSISTÊNCIA E CONHECIMENTO.

Em casos de convulsão o Guia de Convulsão do Ministério da Saúde 2018, orienta que a paciente deve ser ter seus SSVV aferidos, indagação sobre traumas, avaliação de pupilas, verificação de sinais de meningites e déficits focais, em caso de inconsciência perguntar do acompanhante se houve convulsão anterior, número de vezes, duração, outros problemas médicos, medicações e história pregressa. EM TODOS OS CASOS deve-se verificar as vias aéreas, respiração e circulação, proteger a pessoa de ferimentos, posicioná-la em lugar seguro, longe de móveis ou outras coisas que possam machucá-la, proteger a cabeça com algo macio, posicionar a pessoa de lado para prevenir aspiração, colocá-la deitada em decúbito dorsal, e ENCAMINHAR A PESSOA URGENTEMENTE PARA UM HOSPITAL.

É inadmissível que um médico tenha esse tipo de ação, ou melhor, falta dela. Não realizar assistência, não deixar que a prestassem, inclusive por alunos que são profissionais da saúde. BANALIZANDO a situação e dizendo que não precisava fazer nada e era só esperar passar. Independente da etiologia da crise, antes de mais nada, deve ser prestada assistência. E é inadmissível que esse tipo de profissional exerça a medicina e ainda dê aulas para futuros médicos.

“Curar quando possível, aliviar quando necessário, consolar sempre”
Hipócrates.

Solicitamos que medidas sejam tomadas urgentemente, e que o bom senso prevaleça e esse professor seja desligado do quadro de funcionários.

Reiteramos ainda que este mesmo documento será dado entrada no CRM-AM ainda hoje, e estamos consultando o direito para a possibilidade de um Boletim de Ocorrência, com entrega do número de protocolo, posteriormente à Universidade.